

RUA JOSÉ DO PATROCINIO

Ato nº 25 de 29-06-1931

Formada pela rua marginal à Funilense

Início na rua 1ª de Março

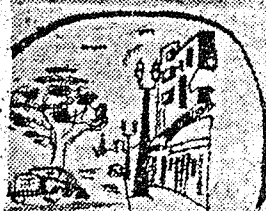
Término na rua Buarque de Macedo

Vila Nova

Obs.: Ato expedido pelo Prefeito Municipal Orosimbo Maia.

JOSÉ DO PATROCINIO

José Carlos do Patrocínio nasceu na cidade de Campos dos Goitacazes, na então Província do Rio de Janeiro, em 09-outubro-1854 e faleceu no Rio de Janeiro em 30-janeiro-1905. Era filho do clérigo João Carlos Monteiro e de uma pobre preta quitandeira Justina Maria do Espírito Santo e foi casado com sua ex-aluna Maria Henriqueta Vila Nova Patrocínio. Não tinha 14 anos quando começou a trabalhar como aprendiz na farmácia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Quando a farmácia passou às mãos das irmãs de caridade foi despedido, passando a viver sob a proteção do conselheiro Albino de Alvarenga. Começou a estudar em 1868 graças a seu trabalho e a ajuda de amigos. Fez todos os cursos necessários e ingressou na Faculdade de Medicina, como aluno de farmácia, que concluiu em 1874. Lecionava para sobreviver, ingressando no jornalismo em 1877, na "Gazeta de Notícias" e sobe pela primeira vez à tribuna, no Teatro São Luiz, em 03-agosto-1880, iniciando a sua famosa campanha a favor da Abolição. Não consta que houvesse exercido sua profissão. Passou quase que toda a sua vida em árdua atividade literária, principalmente como romancista e jornalista, constituindo-se em notável e arrebatador orador abolicionista. Em 1881 adquiriu a "Gazeta da Tarde" onde permaneceu por seis anos, fundando depois o jornal "Cidade do Rio", que dirigiu durante algum tempo. Seu dia de glória foi a 13-maio-1888 quando foi lido o decreto da Abolição. Com a proclamação da República inicia-se a queda do prestígio de Patrocínio. Durante o governo de Floriano, foi desterrado em Cucui, na Amazonia. De volta, foi aos poucos deixando a política. O primeiro automóvel a chegar ao Rio foi trazido por José do Patrocínio, de Paris. Interessou-se em seguida, pela navegação aérea e passou a trabalhar num balão a que deu o nome de "Santa Cruz". A cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras foi fundada por José Carlos do Patrocínio, que escolheu Joaquim Serra para seu patrono.



RUAS DA CIDADE

ALACOR M. GUIMARÃES

LXII

JOSÉ DO PATROCINIO (JOSÉ CARLOS DO PATROCINIO)

Começa na rua Primeiro de Março, acompanha a linha da Estrada de Ferro Sorocabana e termina na rua Cunha Mota, no BAIRRO DO GUANABARA.

A denominação foi dada pelo Ato n. 25, de 29 de junho de 1931. Tem 10 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS

Segundo a Revista do Arquivo Municipal, ano XL, são do próprio José do Patrocínio as seguintes palavras: "Sou filho de uma pobre preta quitandeira de Campos. Comecei minha vida como quasi servente, aprendiz extra-remunerado da Santa Casa de Misericórdia, em 1863. Tinha então 13 para 14 anos. Sai do Hospital da Misericórdia, quando a farmacia passou às mãos das irmãs de caridade. Nesta ocasião eu teria ficado sem casa e sem pão, se nesse momento não intervisse a proteção do Sr. Conselheiro Albino de Alvarenga, hoje vice-diretor da Faculdade de Medicina, a quem beijo as mãos publicamente. Desde 1868 comecei a estudar. Ganhava, então, a quantia de 2 mil réis por mês de "ganchos" isto é, de plantões, que eu ia aos domingos pelos meus companheiros. Tinha, também, 16 mil réis de mesada que me era mandada pelo vigário de Campos. Mas, disse eu que comecei a estudar. Com que re-

corso? Com os da bondade extrema do meu exemplar mestre e amigo Dr. João Pedro de Aquino, que de graça me franqueou o seu externato, onde estudei, não só os preparatórios para farmácia, mas os exigidos para o curso médico. Entrando para a Faculdade de Medicina, como aluno de farmácia, recebi da Sociedade Beneficente um auxílio pecuniário de 20 mil réis. Por outro lado, eu tinha alguns alunos de primeiras letras e, sobretudo, recebia casa e comida de graça do meu colega Sebastião Catão Calado. Assim vivi durante 3 anos, até que em 1874 concluí o curso de farmácia. Mais tarde, casado, com a importância de 15 contos que seu sogro lhe emprestou, ele comprou a "Gazeta da Tarde", e em seguida, a "Cidade do Rio" baluarte inespugnáveis de José do Patrocínio, onde a palavra e a ação, cheias de fé e de amor ao próximo, concitam os brasileiros à grande obra abolicionista.

José Carlos do Patrocínio nasceu em Campos, Estado do Rio, em 1854, e faleceu no Rio em 29 de janeiro de 1905. Dedicou-se ao jornalismo e escreveu três romances: "Nota Coqueiro", "Os Retirantes" e "Pedro Espanhol". Foi um dos maiores oradores da campanha abolicionista.

A. M. G.



José do Patrocínio



O abolicionista José Carlos do Patrocínio nasceu em Campos, no Rio de Janeiro, no dia 8 de outubro de 1854. Tinha quatorze anos de idade quando, tendo recebido apenas educação primária, se lembrou de pedir uma colocação ao diretor da Santa Casa, Cristovão dos Santos, que lhe deu o emprego, iniciando também seus estudos. Em 1874, diplomou-se em farmácia. Sua situação se tornava cada vez mais difícil quando foi convidado para dar aulas particulares aos filhos do capitão Emiliano Rosa Sena. Mais tarde veio a casar-se com uma de suas alunas. Já a esse tempo iniciara a sua carreira jornalística. Em 1879, fez a campanha pela Abolição, em rodapés da "Gazeta de Notícias". Em 1881, passou para a "Gazeta da Tarde", atingindo nesse período, a grande fase de seu talento e de sua atuação social. Em setembro de 1887, fundou o jornal "Cidade do Rio de Janeiro". Não se manifestou a favor da República e, em 1891, declarou-se em oposição a Floriano. Acusado como conspirador na sedição de 10 de abril de 1892, contra as autoridades constituintes da época, foi deportado para Cucuí, no Amazonas. No quadriênio de Prudente de Morais, conservou-se ao lado do governo. A 29 de janeiro de 1905, escreveu o seu último artigo "Ave Rússia", publicado em "O País". No dia seguinte, quando começava a escrever novo artigo, foi acometido por uma hemoptise, falecendo nesse mesmo dia. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira n.º 21. Escreveu: "Mota Coqueiro", "Os Retirantes" e "Pedro Espanhol". Traduziu ainda "As Meninas Godin", de Maurice Ordonneaux. Nos últimos anos de sua vida, dedicou-se também ao problema da navegação aérea, construindo o aerostato "Santa Cruz".

JOSÉ Carlos do Patrocínio, filho natural do padre João Carlos Monteiro e de sua escrava, Justina Maria do Espírito Santo, nasceu em Campos, a 9 de outubro de 1853. Depois de concluir os estudos primários e tentar ser caixeiro

em sua cidade natal, veio para o Rio de Janeiro em março de 1868. Empregou-se na Santa Casa de Misericórdia como aprendiz extranumerário de farmácia e, depois, na Casa de Saúde de Bom Jesus do Calvário, fazendo a custo os preparatórios, como aluno gratuito do curso noturno do Colégio Aquino. Em seguida, estudou farmácia, ao mesmo tempo que colaborava em jornais estudantis, revelando tendência republicana. Com o estudante de medicina Dermeval da Fonseca, lançou o panfleto *As Vespas*, versão nacional de *Les Guêpes*, de Alphonse Karr. Em vez de exercer a profissão de farmacêutico, ingressou na redação da *Gazeta de Notícias*, tornando-se logo seu principal redator. Escreveu folhetins como a *Gazeta Métrica*, sob o pseudônimo de Nemo, e *A Semana Política*, sob o de Proudhomme. Em 1878 foi enviado ao Ceará, para fazer reportagens sobre a grande seca que devastava o Nordeste. No ano anterior, tinha escrito, como folhetim

JOSE DO PATROCÍNIO

(1853-1905)

para o seu jornal, o romance *Mota Coqueiro* ou *A Pena de Morte*, sobre um crime célebre ocorrido no município de Macaé e que causou funda impressão. De volta do Ceará escreveu outro, *Retirantes*, que o coloca entre os precur-

sos da literatura das secas. Ardoroso partidário da abolição da escravatura, deixou a *Gazeta de Notícias*, sucedendo ao abolicionista Ferreira de Meneses na direção da *Gazeta da Tarde*. Dessa pequena folha fez a sua trincheira abolicionista, mas acabou tendo que entregá-la a seus credores. Conseguiu, contudo, lançar a *Cidade do Rio*, em que travou as últimas batalhas jornalísticas pela liberdade dos escravos. A 15 de novembro, sendo vereador municipal, arriou a bandeira imperial da Câmara a que pertencia, colocando em seu lugar a do Clube Republicano Lopes Trovão. Em 1892, foi preso e deportado por Floriano para a Amazônia. E em 1893 teve seu jornal suspenso e viveu foragido. Ressurgindo em 1895, a *Cidade do Rio* deixou de circular em 1902. Grande panfletário, Patrocínio travou memoráveis polémicas com Rui Barbosa. Fundador da Cadeira n.º 21, José do Patrocínio foi fulminado por uma hemoptise, a 29 de janeiro de 1905.



ARTO II. 25

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam do-
rnavante, assim denominadas:

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parallela á Rua Dr. Enalio Ribas, no Cambuby, vulgarmente chamada rua Eça Esperanga; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parallela á rua Paula Bueno, no alço do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitinguy”, a rua que fica parallela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parallela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiungá”, a rua 8 da Villa Industrial, parallela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — “Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Traversa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuby) parallela á Barreto Leme; — “Rua Americo Brasileiro”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libânia vai á Itapura — 1.ª parallela á rua do Sacramento; — “Rua Diogenes”, á rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuby; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parallela á Baroneza Genáido de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Souza Lima”, a 3.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parallela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Penteado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fribense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Bela

Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que súa da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Traversa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Traversa da Buarque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Cudes Barreto”, a travessa que que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua parallela á Fribense e Buarque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocínio”, a rua marginal á Fribense, no Guanabara, parallela á Ccl. Moraes; — “Rua D. Anna Euprosima”, a rua 1.ª parallela á 1.ª de Março, no Guanabara, entre Buarque de Macedo e Fribense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua MacHardy”, a rua n.º 2 do arruamento Piccolotto; — “Rua Elias de Souza”, a rua parallela á Salles Oliveira, no cõcego do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Falcão”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Traversa Maria Monteiro”, a travessa parallela á rua Americo Brasileiro.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e cumpram tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretario,

Anilias Alves.



AMPVJ 2693